

# Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

## GESTÃO E SAÚDE NO TRABALHO PELA ÓTICA DO CINEMA

Bruno Chapadeiro Ribeiro<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente texto foi formulado a partir de minha pesquisa de mestrado a qual é recém-iniciada e não conta ainda com os resultados das dinâmicas de análise críticas dos filmes em questão. Tendo como foco a *gestão e a saúde no trabalho*, buscamos, num primeiro momento, apresentar as transformações estruturais do capitalismo mundial nas condições da globalização, explicitando o processo de reestruturação produtiva e as novas exigências do capital, com seus impactos sobre a saúde do trabalhador. Depois, finalizamos apreendendo filmes que remetam às diversas ideologias da gestão, o que justifica o propósito da utilização de filmes como recurso de análise crítica para a compreensão do contexto sócio-histórico do novo (e precário) mundo do trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalho; Gestão; Saúde; Cinema.

### ABSTRACT

This text has been formulated from my Masters research which is newly launched and still does not count with the results of dynamics of critical analysis of movies. Focusing on the management and health at work, we, at first, present the structural transformation of world capitalism under conditions of globalization, explaining the restructuring process and the new demands of capital, and its impacts on worker health. After we finished seizing films that refer to different ideologies/ways of being in management, which explains the purpose of using movies as a source of critical analysis to understand the socio-historical context of the new (and precarious) working world.

**Key-words:** Work; Management; Health; Cinema.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSO) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, com a pesquisa “Trabalho e Gestão através do Cinema”, e participante do projeto de extensão “Tela Crítica – O cinema como experiência crítica” também da mesma universidade. Psicólogo pela UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Assis onde também foi criador do projeto de extensão “Cine CAPSIA – o cinema pela ótica da psicologia”. E-mail: [brunochapadeiro@yahoo.com.br](mailto:brunochapadeiro@yahoo.com.br).

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

## INTRODUÇÃO

No campo das representações sociais, o trabalho é apreendido como um objeto social ou um fato social que faz parte do mundo vivido pelas pessoas, as quais têm de construir repertórios de significados sobre ele. Assim, “trabalho” é um objeto de conhecimento cotidiano passível de ser representado por indivíduos, grupos e sociedades. O conjunto de crenças e conhecimentos sobre o trabalho influencia nas atitudes e posicionamentos que têm um determinado grupo/sociedade em relação a ele. Há portanto, uma mescla de fatores sociais e fatores pessoais no significado do trabalho em um determinado momento sócio-histórico.

Sabe-se que o século XX moldou-se pela estruturação da chamada *sociedade do trabalho*, em que desde muito cedo fomos educados para o princípio fundante do trabalho. Esse cenário começa a ruir, no entanto, a partir dos últimos vinte anos. Temos hoje um momento deveras caótico no chamado mundo do trabalho: não encontra-se empregos para aqueles que dele necessitam para sobreviver e os que ainda estão empregados geralmente trabalham muito e não ficam um dia sequer sem pensar no risco do desemprego. Devido à recente crise financeira mundial, este medo ocorre não só na base dos assalariados, pois essa tendência cada vez mais avança na ponta da pirâmide social, chegando até os gestores. Quanto mais a população vem aumentando, menor é também a capacidade de incorporar os jovens no mercado de trabalho.

O crescimento do desemprego em massa e a ampliação de novas formas de precariedade salarial e da precarização do trabalho que ocorrem hoje sob o capitalismo global é também uma precarização do homem que trabalha, no sentido de desefetivação do homem como ser genérico capaz de dar respostas às situações-problemas oriundas de seu cotidiano (ALVES, 2010). Esta nova redefinição categorial do conceito de precarização do trabalho contribuirá para expor novas dimensões das metamorfoses sociais do mundo do trabalho que

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

expõem toda a barbárie social contida neste processo que visa a mescla do tempo de vida com o tempo de trabalho, em virtude das excessivas jornadas de trabalho que reduz a vida pessoal à mero trabalho assalariado.

A chamada reestruturação produtiva do capital no século XX foi marcada pelas inovações fordistas-tayloristas<sup>2</sup> que alteraram a morfologia da produção de mercadorias em vários setores da indústria e dos serviços. No campo organizacional da grande indústria, fordismo e taylorismo tornaram-se “mitos mobilizadores” do processo de racionalização do trabalho capitalista. A introdução dos novos “modelos produtivos” foi lenta, desigual e combinada, percorrendo a maior parte do século XX. A produção em massa (ou o fordismo) altera de modo significativo a vida social, transfigurando as condições de produção (e de reprodução) social da civilização humana, atingindo de forma diferenciada países e regiões, setores e empresas da indústria ou de serviços.

O novo período de desenvolvimento do capitalismo mundial, que surge a partir da década de 1980 pode ser caracterizado como sendo o da “mundialização do capital” (uma denominação mais precisa para o fenômeno da “globalização”). Na verdade, estamos diante de um novo regime de acumulação capitalista, um novo patamar do processo de internacionalização do capital, com características próprias e particulares se comparada com etapas anteriores do desenvolvimento capitalista. Esse novo período capitalista se desenvolve no bojo de uma profunda crise de superprodução (BRENNER, 1999 apud ALVES, 1999) e é caracterizado por outros autores como sendo marcado pela “produção destrutiva” (MÉSZÁROS, 2002) ou ainda pela “acumulação flexível” (HARVEY, 1992). Para Richard Sennet, (1998) o novo capitalismo é um capitalismo flexível.

---

<sup>2</sup> Fordismo: “Conjunto de métodos de racionalização da produção elaborados pelo industrial norte-americano Henry Ford, baseado nos princípios de que uma empresa deve dedicar-se apenas a um produto. [...] para diminuir os custos, a produção deveria ser em massa, a mais elevada possível e aparelhada com tecnologia capaz de desenvolver ao máximo a produtividade por operário. O trabalho deveria ser também altamente especializado, cada operário realizando determinada tarefa” (SANDRONI, 2000, p. 128-129).

Taylorismo: “Conjunto das teorias para o aumento da produtividade do trabalho fabril, elaboradas pelo engenheiro norte-americano Frederick Winslow Taylor (1856-1915). Abrange um sistema de normas voltadas para o controle dos movimentos do homem e da máquina no processo de produção” (SANDRONI, 2000, p. 306).

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

O que surge, hoje, com este novo complexo de reestruturação produtiva, cujo “momento predominante” é o modelo toyotista, é mais um elemento compositivo do longo processo de racionalização do trabalho vivo que teve origem com o fordismo-taylorismo. Ao surgir como “momento predominante” do complexo de reestruturação produtiva sob a mundialização do capital, o toyotismo passou a incorporar uma nova forma de organização do trabalho e novo tipo de envolvimento operário ocasionando uma nova subordinação formal-intelectual do trabalho ao capital.

## O MODELO DE GESTÃO ATUAL

O toyotismo<sup>3</sup> torna-se o modelo de gestão organizacional adotado a partir dos anos 1980 por várias corporações nos EUA, Europa, Ásia por ser adequado, por um lado, às necessidades da acumulação do capital na época da crise de superprodução e por outro, por ajustar-se à nova base técnica da produção capitalista, sendo capaz de desenvolver suas plenas potencialidades de flexibilidade e manipulação da subjetividade trabalhadora.

Coriat (1992 apud Antunes, 2006) fala em quatro fases que levaram ao advento do Toyotismo enquanto “modelo predominante” de organização do trabalho. *Primeira*: a introdução, na indústria automobilística japonesa, da experiência do ramo têxtil, dada especialmente pela necessidade de o trabalhador operar simultaneamente com várias máquinas. *Segunda*: a necessidade de a empresa responder à crise financeira, aumentando a

---

<sup>3</sup> “O Toyotismo é um estágio superior de racionalização do trabalho que não rompe, a rigor, com a lógica do Taylorismo e Fordismo. É por isso que alguns autores, como Aglieta e Palloix, o denominam de “neofordismo”. No campo da gestão da força de trabalho, o toyotismo realiza um salto qualitativo na “captura” da subjetividade do trabalho pelo capital, se distinguindo do taylorismo e fordismo por promover uma via original de racionalização do trabalho; desenvolvendo, sob novas condições sócio-históricas (e tecnológicas), as determinações presentes nas formas tayloristas e fordistas, principalmente no que diz respeito à racionalidade tecnológica. Poderíamos até afirmar que o toyotismo é o modo de organização do trabalho e da produção capitalista adequado à era das novas máquinas da automação flexível, que constituem uma nova base técnica para o sistema do capital, e da crise estrutural de superprodução, com seus mercados restritos. Entretanto, cabe salientar que o toyotismo é meramente uma inovação organizacional da produção capitalista sob a grande indústria, não representando, portanto, uma nova forma produtiva propriamente dita” (ALVES, 2007).

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

produção sem aumentar o número de trabalhadores. *Terceira*: a importação das técnicas de gestão dos supermercados dos EUA, que deram origem ao *kanban*. *Quarta*: a expansão dos métodos *kanban/Just in time*<sup>4</sup> para as empresas subcontratadas e fornecedoras.

Harvey (1992) desenvolve sua tese de que a acumulação flexível, sob a égide do espírito do toyotismo na medida em que ainda é uma forma própria do capitalismo, mantém três características essenciais desse modo de produção: (1) é voltado para o crescimento; (2) este crescimento em valores reais se apóia na exploração do trabalho vivo no universo da produção; e (3) o capitalismo possui uma intrínseca dinâmica tecnológica e organizacional. Prossegue pontuando que:

“a *acumulação flexível* [...] se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.”(HARVEY, 1992, p. 140 - 148)

A nova etapa do capitalismo global significou, no plano da produção (e reprodução social), a incorporação das novas tecnologias advindas da Revolução Técnico-científica dos anos 1970, que propiciam o aumento da qualidade e quantidade produtiva que influem diretamente e auxiliam nesse processo. A introdução da microeletrônica, da robótica e dos recursos informáticos auxiliaram o desenvolvimento de uma economia mundializada e também na precarização das condições de trabalho e da vida do trabalhador. Alves (2001) nos auxilia nessa compreensão:

---

<sup>4</sup> A técnica japonesa denominada de *Kanban*, integrada no conceito *just in time*, hoje largamente difundida quando se fala sobre produção ou administração de estoque, nasceu na maior fábrica automobilística do Japão, a Toyota, está idéia a brotou da iniciativa realizada por Yasuhiro Monden, que fundiu todas estas idéias e conceitos sistematizando-os e difundiu para o resto do mundo, traduzindo para língua inglesa. O fundamento básico desta técnica, está baseado em manter um fluxo contínuo dos produtos que estão sendo manufaturados. O *Kanban* (etiqueta ou cartão), traz como grande inovação o conceito de eliminar estoques (estoque zero), os materiais e componentes agregados ao produto chegam no momento exato de sua produção/execução (*just in time*). O sucesso deste comportamento está na ênfase dada no processo de manufatura nivelado e de automação - "jidoka" - autocontrole. A integração deste fluxo é denominado de produção no momento exato (*just in time*), isto significa produzir somente os itens necessários na quantidade necessária e na hora certa.

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

[...] a globalização é um fenômeno sócio-histórico intrinsecamente *contraditório e complexo* que caracteriza, em nossa perspectiva, uma nova etapa de desenvolvimento do capitalismo moderno. [...] tende a constituir novas determinações sócio-históricas no (1) plano da ideologia e da política; (2) no plano da economia e da sociedade e (3) no plano do processo civilizatório humano-genérico, vinculado ao desenvolvimento das forças produtivas humanas. (ALVES, 2001, p.13)

A partir da Quarta Revolução Tecnológica, caracterizada por esta revolução informacional e sob a ofensiva neoliberal que caracterizou as últimas décadas do século XX, a emergência de uma sociedade do conhecimento inequivocamente alterou a forma como se exerceu a gestão dentro das organizações (ALVES, 2007). Em presença de uma economia proveniente da mundialização do capital, em rápida mutação e orientada para a especificidade de cada cliente em particular, as organizações toyotistas adquiriram uma maior flexibilidade e capacidade de inovação como condição *sinequanon* para se manterem competitivas. Isto leva os agentes econômicos a requerer uma maior flexibilização na gestão do fator trabalho e dos seus custos, e uma maior diversificação das relações intra e inter organizacionais recorrendo à automação e às tecnologias da informação e comunicação.

No *novo (e precário) mundo do trabalho*, estruturado pela organização toyotista do trabalho que implanta-se não apenas na indústria, mas principalmente no setor de serviços, que devemos voltar a nossa atenção, e nele, principalmente para os subproletários tardios, onde há uma fração de classe desprezada pelos *sindicatos fordistas*. É a partir deles – do vasto mundo do trabalho precário - que o sistema do capital tenderá a impulsionar sua expansão. É a nova barbárie social que se constitui através do mundo do trabalho precário que deve ser denunciada. Talvez, amanhã, os índices de desemprego possam até cair, em termos relativos, só que às custas da barbarização da vida social<sup>5</sup>. Deste modo, a luta social deve ser conduzida contra a voracidade insaciável do capital que tenta transformar o *tempo de vida* em *tempo de trabalho*, algo que contribuiria tão-somente para a degradação humana. É o que está

---

<sup>5</sup> A barbárie nunca é em potência, ela é inteiramente em ato, e seu ato é apenas o gesto de impotência de sujeitos empobrecidos perante um mundo que não criou (...)" (MATTÉI, 2002).

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

ocorrendo, hoje, na principal economia capitalista do mundo – vive-se para ser explorado pelo o capital.

Na medida em se desenvolve o *desemprego estrutural* e o *trabalho precário*, que parecem indicar a necrose social da lógica capitalista-mercantil, impulsiona-se, por outro lado, o *mundo dos pequenos negócios*, um imenso campo de reprodução ideológica (e material) do espírito da produção de mercadorias. Como nos lembra Alves (1999), tal fato é apontado, inclusive, pelos ideólogos da burguesia, como sendo uma das saídas para o desemprego estrutural.

Diante da análise da forma como nossas sociedades funcionam em relação ao trabalho e a lógica do capital, torna-se necessário a inclusão do entendimento do papel das organizações e da gestão neste cenário.

Falar em organizações é também pensar que estas são criações ou ferramentas sociais, produtos de ações individuais e coletivas onde, suas dinâmicas e processos entrelaçam-se com processos e dinâmicas de indivíduos e de grupos em um espaço e tempo que delimitam e circunscrevem suas interações. Zanelli (2008) afirma que as novas relações de trabalho dentro das organizações impõem maior complexidade às relações entre as pessoas e as organizações, emergindo novos contratos psicológicos, seus impactos e recompensas, percepção de equidade e no comprometimento; na área de gestão do desempenho, sobressai o papel das metas e autogerenciamento; cresce o interesse pelos processos de aprendizagem (individual e organizacional, intra e inter empresas), face à turbulência dos ambientes competitivos, aos modelos flexíveis de organização e à sofisticação tecnológica.

A organização toyotista do trabalho capitalista possui uma densidade manipulatória de maior envergadura. Na nova produção do capital, o que se busca “capturar” não é apenas o “fazer” e o “saber” dos trabalhadores, mas a sua disposição intelectual-afetiva, constituída para cooperar com a lógica da valorização. Dessa forma, o trabalhador é encorajado a pensar “pró-ativamente” e a encontrar soluções antes que os problemas

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

aconteçam. Na empresa toyotizada cria-se um ambiente de desafio contínuo, em que o capital não dispensa, como fez o fordismo, o “espírito” do trabalhador. O que significa que, se no fordismo o trabalhador na linha de montagem, executando tarefas monótonas e repetitivas, pensava demais, ou tem muito mais possibilidade de pensar como ressaltou Gramsci (1984), o que poderia levá-los “a um curso de pensamento pouco conformista”, sob o toyotismo, o trabalhador pensa e é obrigado a pensar muito mais, mas colocando a inteligência humana a serviço do capital.

Há na verdade no toyotismo uma captura da subjetividade dos trabalhadores, sendo o objetivo do capital uma integração do trabalho aos interesses da empresa, como se ambos fossem portadores de interesses comuns. Neste sentido, a substituição do fordismo pelo toyotismo não pode ser concebida como um avanço ou ruptura, pois, o que havia de essencial dentro da lógica capitalista permaneceu, que é a busca de maior lucratividade e produtividade com custos reduzidos<sup>6</sup>.

Este novo cenário da gestão da força de trabalho no século XXI instaura um novo nexos em que o trabalhador é convencido de que o papel ontológico dos homens no mundo, e, portanto, seu papel, se efetiva apenas pela realização de si por meio de luta de posições e espaços em uma corrida incessante por produtividade. Marinho (2008) aponta para a implicação dessa proliferação da nova gestão do mundo pós-moderno, eficaz, pertinente, criativo e de desempenho exemplar, que invadiu todo o tecido social, num mundo de sofrimento, doente socialmente, que impõe ao trabalhador uma pressão contínua que o leva a inúmeras formas de doença e sofrimento no trabalho.

---

<sup>6</sup> “A literatura de gestão empresarial dos anos 90 contém ideais, propostas de organização humana, modos de ordenamento dos objetos e formas de garantia que são de natureza tão diferente daquilo que se encontra na literatura de gestão empresarial dos anos 60 que é difícil não reconhecer que o capitalismo mudou muito de espírito ao longo dos últimos trinta anos, ainda que a nova configuração não possua força mobilizadora à qual a figura anterior conseguira chegar, pelo fato de estar incompleta no plano da justiça e das garantias. Em todo o caso, para o novo espírito conseguir implantar-se [...] ele precisa estar em condições de responder a alguma exigência não atendida no período anterior. [...] Parece-nos assim, bem evidente que a nova gestão empresarial pretende responder às demandas de autenticidade e liberdade, feitas historicamente em conjunto com aquilo que denominamos “crítica estética”, deixando de lado as questões de egoísmo e das desigualdades tradicionalmente associadas na crítica social”. (BOLTANSKI, 2009).



# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

## GESTÃO E “SAÚDE” NO TRABALHO

O verbo *to manage* (administrar, gerenciar), vem de *manus*, do latim, que significa mão. Antigamente significava adestrar um cavalo nas suas andaduras, para fazê-lo praticar o *manège*. Como um cavaleiro que utiliza rédeas, esporas, chicote e adestramento para impor sua vontade ao animal, o capitalista empenha-se, através da gerência (*management*), em controlar os trabalhadores. Braverman (1974) coloca que o controle é de fato, o conceito fundamental de todos os sistemas gerenciais, como foi reconhecido implícita ou explicitamente por todos os teóricos da gerência. Como o capitalismo cria uma sociedade na qual ninguém por hipótese consulta qualquer coisa senão o interesse próprio, e como prevalece o contrato de trabalho entre as partes nada mais prevendo senão evitar que prevaleçam sobre os de outros, a gerência torna-se um instrumento perfeito e sutil<sup>7</sup>.

Boltanski (2009) ressalta que o capitalismo apresenta duas faces: uma voltada para a acumulação do capital, e a outra para princípios de legitimação. Nesse caso último, a literatura de gestão empresarial utilizada atualmente pode ser entendida como o receptáculo dos novos métodos de obter lucro, das novas recomendações feitas aos gerentes, para a criação de empresas mais eficazes e cada vez mais competitivas. Porém, tal literatura de gestão empresarial não se utiliza apenas de linguagem meramente técnica, onde podemos encontrar receitas práticas que visem a melhorar o rendimento das organizações tal como se aumenta o desempenho de uma máquina. Ela comporta ao mesmo tempo um forte tom moral, no mínimo por se tratar de uma literatura normativa que diz aquilo que deve ser, e não o que é, a tal ponto que temos o direito de indagar sobre o realismo dessa literatura e, por conseguinte, sobre o crédito que lhe pode ser dado no sentido de saber o que realmente ocorre

---

<sup>7</sup> “Não era o fato de que a nova ordem fosse “moderna”, ou “grande”, ou “urbana” que criava a nova situação, mas sim as novas relações sociais que agora estruturam o processo produtivo, e o antagonismo entre aqueles que executam o processo e os que se beneficiam dele, os que administram e os que executam, os que trazem à fábrica a sua força de trabalho e os que empreendem extrair dessa força de trabalho a vantagem máxima para o capitalista” (BRAVERMAN, 1974).

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

nas empresas. Desse modo, a nova forma de gerência instaurada pelo “modelo predominante” toyotista ergue-se como constructo teórico que evidencia sua legitimação, e como prática sistemática, a qual as transformações dos processos de trabalho como especialidade em processos baseados na revolução técnico-científica atingem um ritmo cada vez mais acelerado.

Segundo Gaulejac (2007), a maioria dos manuais de gestão desenvolve o seguinte pressuposto: a organização é um conjunto de fatores em interação um com os outros, ressaltando-se um fator que apresenta problemas particulares: o “fator humano”. Daí a colocação em prática de um departamento especializado para lidar com este fator, chamado de “recursos humanos”, ou popularmente de “RH”. O recurso humano torna-se um objeto de conhecimento e preocupação central da gestão. Gerenciar o humano como um recurso, ao mesmo título que as matérias-primas, o capital, os instrumentos de produção ou ainda as tecnologias, é colocar o desenvolvimento da organização como uma finalidade em si, independentemente do desenvolvimento da sociedade, e ainda considerando que a instrumentalização dos homens é um dado natural do sistema de produção. O mundo atual tem como base a forma com que a gestão vem se tornado uma ideologia, uma tecnologia de poder, mediadora entre os interesses econômicos do capital e a força de trabalho. Ora, o triunfo da ideologia da gestão faz-se na constante interpretação do trabalhador enquanto um agente ativo do mundo produtivo e onde os improdutivos são rejeitados, e a finalidade da atividade humana não é mais a composição de uma sociedade através de relações socializantes, mas sim, explorar recursos, sejam eles materiais ou humanos, para o maior lucro dos capitalistas.

Sob este espírito do toyotismo então, o discurso da organização do trabalho incorpora uma nova forma: trabalhadores assalariados, operários ou empregados tornam-se “colaboradores”. Deve-se esvaziar o discurso do conflito ou luta de classes colocando-os jogando no time dos gestores. Exige-se dos jovens “colaboradores” atitudes pró-ativas e propositivas, capazes de torná-los membros da equipe de trabalho que visa cumprir metas. A

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

idéia de “gestão de pessoas” implica disseminar valores, sonhos, expectativas e aspirações que emulem o trabalho flexível. Não se trata apenas de administrar recursos humanos, mas sim, de manipular talentos humanos, no sentido de cultivar o envolvimento de cada um com os ideais (e idéias) da organização. A nova empresa capitalista busca, portanto, homens idealistas. Por isso, a ânsia pela juventude que trabalha, tendo em vista que os jovens operários e empregados têm uma plasticidade adequada às novas habilidades emocionais (e comportamentais) do novo mundo do trabalho.

Este novo (e precário) mundo do trabalho que se amplia no decorrer da década de 2000, é perceptível nos locais de trabalho reestruturados das grandes empresas que foram transfigurados com a inserção de operários e empregados subsumidos às novas condições salariais, jornadas de trabalho e alguns deles vinculados a novas modalidades de contrato de trabalho com mudanças no plano dos direitos e na forma de contratação do trabalho. Além disso, estes jovens operários e empregados estão à mercê dos novos padrões de produção, organização do trabalho e métodos de gestão e da própria perspectiva de carreira e de inserção no mercado de trabalho, em virtude do desemprego aberto que embora na década de 2000 tenha observado curvas descendentes, mantém-se em patamares elevados nas metrópoles, principalmente entre os jovens (a taxa de *desemprego entre os jovens* elevou-se de 11,9% para 17,0% entre 1992 e 2007) (OIT, 2009).

Sob a ótica do mercado do trabalho, a nova precariedade salarial se apresenta com implicações no metabolismo social do trabalho e portanto na vida cotidiana de homens e mulheres que trabalham. Por conta da flexibilização das relações de trabalho, amplia-se a presença do “trabalhador precário” nos coletivos laborais, uma experiência de precariedade que não diz respeito tão-somente ao vínculo empregatício (trabalho-emprego), mas também às relações de sociabilidade (trabalho-vida), como observamos no tocante às alterações da forma de remuneração e jornada de trabalho. O que coloca a necessidade de uma nova percepção da idéia de precariedade (e precarização) ainda vinculadas à relação trabalho-emprego. E pior: uma relação trabalho-emprego caracterizada apenas pela quantidade (e não pela qualidade) dos empregos formais criados no mercado de trabalho (ALVES, 2010, p. 9).

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

O enquadre desse tipo de mentalidade é historicamente moldado quando da emergência desta sociedade do conhecimento e da tecnologia da informação. Assim, podemos entender que, os jovens recém-ingressos no mundo do trabalho, a noção atual de carreira numa organização surge à medida que há a intensificação do discurso gerencial (CHANLAT, 2000) e a primazia da “mentalidade empresarial” (EHRENBURG, 1991 apud BENDASSOLLI, 2009). Há, como consequência, uma mutação no significado de trabalho: de uma atividade imposta destinada ao ganho financeiro para uma sequência de experiências intervaladas ao longo das quais o indivíduo progride e entende estar se desenvolvendo, se realizando. Lidamos aqui com uma produção de consentimento entre pensamento e ação que não se desenvolve de modo perene, sem resistências e lutas cotidianas. Se as mínimas manipulações dos departamentos de pessoal – ou departamento de recursos humanos – com a Psicologia em especial a seu favor, não desempenham papel mais importante na habituação do “colaborador” ao trabalho, conseqüentemente isso não significa que o “ajustamento” do trabalhador está isento de elementos manipulativos. Pelo contrário, a aclimatação aparente do trabalhador aos novos modos de produção surge da destruição de todos os modos de vida, através da contundência das barganhas salariais que permitem certa maleabilidade dos costumeiros níveis de subsistência.

Enfim, tal processo de “captura” da subjetividade do trabalho vivo é um processo intrinsecamente contraditório e densamente complexo, que articula mecanismos de coerção/ consentimento e de manipulação não apenas do local de trabalho, por meio da administração pelo “olhar”, mas nas instâncias sócio-reprodutivas, com a plethora de valores-fetiches e emulação pelo medo que mobiliza as instâncias inconscientes (ALVES, 2007, p. 124).

O paradigma utilitarista transforma então a sociedade em máquina de produção e o homem em agente a serviço da produção. A hegemonia dominante da ideologia gerencialista na mundialização do capital torna-se um novo poder de controle que surge do desenvolvimento da forma de organização do trabalho adotada pelo toyotismo. É um poder

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

difícil de ser contestado, pois os conflitos se colocam no nível psicológico em termos de insegurança, de sofrimento psíquico, de esgotamento profissional de perturbações psicossomáticas, de depressões nervosas. Essa dominação gerencialista prega a adesão voluntária à sanção disciplinar, fazendo com que o trabalho se torne o lugar da realização do sujeito em si e é de difícil contestação porque opera na interioridade do indivíduo, o que faria com que ele se contestasse a si próprio<sup>8</sup>.

O mundo do trabalho caminha cada vez mais para o sofrimento, individualista e cruel dos trabalhadores onde se têm uma gestão que se torna a ciência do capitalismo, subentendida por uma vontade de domínio que se apresenta como fundamentalmente racional. Marinho (2008) nos diz que:

[...]Esse sofrimento advém da cultura do alto desempenho, do clima de competição generalizada, causando esgotamento profissional, estresse, o mundo encontra-se sob pressão. Estão postos a serviço do capital não só a força de trabalho isenta de fricções, mas as cidades, a política, as instituições, a família, as relações amorosas, a sexualidade e o próprio ego dos indivíduos, agora objetos da gerência. São capitais gerenciados para a produtividade com índices de desempenho, baseados em custo-benefício, corroborando com a lógica positivista, utilitarista e quantitativista, há algum tempo marginalizada na sociologia. (MARINHO, 2008, p. 402)

Dejours (1991) nos resume que a deteriorização da saúde mental no trabalho está, portanto, intrinsecamente ligada à evolução da *organização do trabalho*, e, em particular ao modelo toyotista de gestão que introduziu novas estratégias organizacionais como a “captura da subjetividade” do trabalhador, a avaliação individualizada dos desempenhos; a busca da “qualidade total”; a terceirização em escala e o uso crescente de trabalhadores *freelancers* em vez do trabalho assalariado, bem como o aumento das pressões produtivas por um lado, e o isolamento e a solidão por outro. O aumento das patologias mentais ligadas ao trabalho resulta essencialmente da fragilização gerada por métodos de organização que, no

---

<sup>8</sup> O trabalhador passou a confundir o interesse da firma com o seu, o que permitiu que sua força de trabalho sofresse maior exploração (CAPELAS, NETO E MARQUES, 2010).

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

lugar da confiança, da lealdade e da solidariedade, instalam no mundo do trabalho o cada um por si, a deslealdade, a desestruturação do convívio e as crises de sociabilidade. Tais formas atuais de gestão e organização do trabalho seriam diretamente responsáveis pelo aumento de algumas patologias corporais e mentais contemporâneas tais como:

- Patologias de sobrecarga: lesões por esforços repetitivos (LER), a síndrome de *burnout*, o *karoshi* e os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT);
- Patologias relacionadas a maus-tratos: agressões de usuários, clientes, alunos e etc. Atingem desde caixas de supermercado e operadores de telemarketing a funcionários do serviço público;
- Patologias resultantes de assédio moral, sexual ou mobbing;
- Patologias ligadas à intolerância e à pressão no trabalho que podem ocasionar suicídios no próprio ambiente de trabalho.

Assim, o trabalho não pode ser considerado unicamente sob o ângulo da produção e dos resultados, mas igualmente sob o ângulo do sentido da atividade, da subjetividade e da vivência, que são variáveis tão importantes quanto a produção e a rentabilidade.

Dentre os muitos temas já explorados pelo cinema, o trabalho é um destes temas recorrente na história do pensamento humano desde há longo tempo. Levando em consideração a capacidade reflexiva e deliberativa dos homens, que não podem trabalhar e viver sem dar sentido às suas ações e em si mesmo, afinal a dimensão simbólica é a base a partir da qual as relações sociais se constroem, vejamos de que forma podemos adotar procedimentos de análise crítica que impliquem numa longa imersão reflexiva do sujeito-receptor na forma e no sentido do filme, desenvolvendo-se também um processo de aprendizagem crítica a partir da discussão da narrativa fílmica procurando apreender o filme não apenas como um *texto*, mas como um *pré-texto* capaz de nos conduzir à autoconsciência

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

reflexiva do nosso tempo e enquanto meio estético que propicie a reflexão crítica sobre o mundo burguês.

## A ÓTICA DO CINEMA

O cinema trata de sonhos, e, portanto, expressa em imagens e sons as mais variadas e geralmente desconhecidas, emoções humanas. Assim como o cinema, o sonho cria as cenas, une-as em seqüências, por vezes incompreensíveis, para poder dizer algo sobre o mundo interno e comunicar algo sobre as pessoas. O que vemos e fazemos durante um sonho não é real, no entanto só nos deparamos com esta realidade ao acordarmos. Enquanto este perdura, cremos que seja verdadeiro. A essa “*impressão da realidade*” é creditada a base do grande sucesso do cinema. Nele, fantasia ou não, a realidade se impõe com toda força de forma que um filme visto na tela torna-se para o espectador, prova de realidade.

O cinema, décadas após a invenção da fotografia, mostrou que a apresentação “direta” da realidade, a possibilidade de reproduzir tecnicamente, de modo quase inteiramente fiel, o olhar humano, não torna as imagens auto-explicativas. Ao contrário, este nos faz ver que a imagem nunca é uma realidade simples. Ao dizer que este expressa a realidade, o grupo social que o encampou coloca-se como que entre parênteses, e não pode ser questionado. Bernadet (1980) salienta que a classe dominante, para dominar, não pode nunca apresentar a sua ideologia como sendo *a sua* ideologia, mas ela deve lutar para que esta ideologia seja sempre entendida como a verdade, fazendo com que o cinema, portanto, mais do que somente uma arte, a sétima dentre elas, possua uma força de dominação ideológica, cultural, estética e comercial advinda dos ideais burgueses do começo do século XX.

Em concordância com a tese de Eisenstein (2002), de que o cinema produz ideologia, lembra-se que para aumentar ainda mais a capacidade de verossimilhança com a

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

realidade, os filmes com frequência se ambientam em determinadas épocas históricas e criam pontos de conexão com um "discurso comum" já existente sobre tal fato, assim, o filme "finge" submeter-se à realidade com o intuito de tornar sua ficção verossímil. E é por aí que o filme se transforma em veículo para a ideologia.

A indústria cinematográfica, a distribuição do filme, a forma de produção etc. estão intrinsecamente mergulhadas nos conceitos econômicos, sociais, culturais, políticos e ideológicos vigentes no país e no tempo em que um filme é produzido. E isto faz com que a obra fílmica torne-se objeto de estudo para as ciências sociais. O cinema pode ser concebido como o veículo das representações que uma sociedade tem de si mesma, porém, para se extrair esse "conteúdo" do filme, é necessário que o pesquisador social tenha uma boa leitura da história sócio-cultural do momento e do país em que a película é produzida. Somente por meio dessa complexa relação entre a obra e o meio social que podemos torná-la como representação de uma sociedade.

Com isso, quando o pesquisador social toma a obra fílmica como objeto central de estudo, ele se depara frente a impossibilidade de uma análise total e perfeitamente acabada, visto que sua análise só é alcançada por meio de hipóteses. Dessa forma, entende-se que a obra cinematográfica é suscetível a abordagens muito diversas, uma vez que não existe uma única teoria sobre cinema, ao contrário, existem várias teorias que correspondem a cada uma dessas abordagens possíveis do filme.

Como vimos, observamos, hoje, o desenvolvimento de uma marcante tendência da mundialização do capital no novo complexo de reestruturação produtiva que contribui com a precarização do trabalho no capitalismo global. Voltando nossos olhares para esta mundialização do capital e os modelos de gestão adotados no novo (e precário) mundo do trabalho, pretende-se com minha pesquisa de mestrado, utilizar o cinema como ferramenta de compreensão da sociedade atual e de entendimento desta precarização pela qual passa o mundo do trabalho no capitalismo global, sendo possível utilizar a obra de arte como objeto



# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

de reflexão sociológica numa perspectiva dialética, podendo ela contribuir para a apreensão de um conhecimento verdadeiro do ser social e do complexo sócio-reprodutivo do capital.

Esta pesquisa objetiva então, analisar o trabalho da gestão no capitalismo global por meio de dinâmicas de análise crítica de filmes. Para isso utilizar-se-á o cinema como instrumento de reflexão crítico-sociológica tendo como finalidade discorrer, através dos filmes, sobre a precarização do mundo do trabalho e os modelos de gestão adotados no capitalismo global. Quanto a análise documental de cada filme, esta estará relacionada diretamente com o olhar e a perspectiva do "analista". Um filme diz tanto quanto for questionado. São infinitas as possibilidades de leitura de cada filme. Algumas películas, por exemplo, podem ser muito úteis na reconstrução dos gestos, do vestuário, do vocabulário, da arquitetura e dos costumes da sua época, sobretudo aquelas em que o enredo é contemporâneo à sua produção. Mas, para além da representação desses elementos audiovisuais, elas "espelham" as crenças, esperanças e utopias da sociedade que o produziu, incluindo se aí sua ideologia, como já observava Eisenstein (2002) em sua obra. Para o melhor aproveitamento do caráter documental do filme, será necessário dissecar os significados "ocultos" (porém presentes: não se trata de caminhar na via das elucubrações e especulações) existentes na película. O método de investigação consiste, simplificada, em buscar os elementos da realidade através da ficção, e desta forma pensar e entender a sociedade que o produziu (PEREIRA, 2009).

As técnicas de hermenêutica crítica serão constituídas em dinâmicas de análises críticas de filmes predeterminados, a partir da qual se discute temas das ciências sociais buscando apreender sugestões heurísticas interessantes capazes de propiciar uma consciência crítica da sociedade atual. O aprimoramento de uma metodologia de análise crítica não se resume meramente à inculcação de conteúdos críticos a partir de um material dado. O produto material é mais resultado prático de uma dinâmica de análise crítica do filme do que ponto de partida absoluto.

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Dentre as obras a serem analisadas, destaca-se a produção ibero-americana “O que você faria?” (*El Método*, 2005) dirigido por Marcelo Piñeyro que trata da temática da gestão de recursos humanos focada em recrutamento e seleção de pessoal onde, sete candidatos a uma importante vaga numa empresa multinacional decorrem, segundo o Método Gronholm, e encontram-se fechados nos escritórios de um arranha-céu madrileno, enfrentando diversos testes que irão determinar qual o “mais apto” para ocupar a vaga. Em “O que você faria?” iremos trabalhar com o eixo-temático entre gestão e “captura” da subjetividade onde, conforme vimos nos itens anteriores, explicitando as estratégias de contratação dos gestores do capital às estratégias de organização dos grupos de trabalho e de produção nos locais de trabalho reestruturados, o que se coloca é esta lógica de “captura” da subjetividade do homem implicado, em cada momento da vida cotidiana, com *escolhas pessoais* sob constrangimentos sistêmicos dados. Estabelecendo-se assim, os Nexos do Capitalismo Global onde temos o “capitalismo manipulatório” – primado do “trabalho ideológico” -, a Crise estrutural do capital (Reestruturação Produtiva; Produção como Totalidade Social) e o Toyotismo organizando tal “captura” da subjetividade do homem que trabalha, provendo escolhas pessoais estranhadas.

Voltados para a temática da Gestão e Barbárie Social, onde o *capital* como modo de controle sócio-metabólico cria uma forma social adequada à sua própria reprodução contraditória, uma forma social no interior da qual possa reproduzir suas contradições candentes e aí o precário mundo do trabalho surge como um dos sintomas da barbárie social<sup>9</sup> do século XXI, serão analisadas a produção francesa intitulada “A Questão Humana” (*La Question Humaine*, 2007) que trata da história de Simon que trabalha como psicólogo no departamento de recursos humanos da filial francesa de uma corporação petroquímica de origem alemã e que, em determinada instância do filme, a percepção de Simon torna-se

---

<sup>9</sup> Mattéi (2002), ao estudar a subjetividade, enfatiza que a barbárie reside no interior do ser humano. Dessa forma, a interioridade (subjetividade) humana, enquanto habitante aprisionada da caverna é vazia, sem substância. A alma, para conseguir substância, precisa sair ao exterior e buscar no convívio, a formação de sua identidade. O ser humano, nessa perspectiva, tem que estar fixo à condição imposta pela ideologia vazia do poder hegemônico. É nesse contexto que a mundialização do capital emerge como “ser fixo” do sujeito contemporâneo para o bem e para o mal.

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

caótica quando o vice-presidente da referida empresa lhe pede que investigue a vida do presidente; e a obra Franco-Hispânica-Belga “O Corte” (*Le Couperet*, 2005) que discute os conflitos provocados pelo desemprego estrutural. O filme narra a história de Bruno Davert, um engenheiro químico ligado à indústria do papel que após quinze anos de dedicação à empresa é demitido por conta de uma reestruturação conhecida como *downsizing*.

Através da produção norte-americana concorrente ao Oscar de melhor filme em 2010, “Amor sem Escalas” (*Up in the air*, 2009), que conta a trajetória de Ryan Bingham, um consultor contratado por empresas para assumir a tarefa de demitir os funcionários considerados “não mais necessários” e “improdutivos”, proporemos trabalhar com a questão da gestão confundida com vida pessoal por intermédio da ideologia da “realização de si mesmo” onde fica proposto ao humano, modos de gerenciar sua subjetividade através de técnicas que o mobilizam a canalizar totalmente seus investimentos psíquicos para os objetivos de rentabilidade e desempenho que são os ideais da organização e não do sujeito.

O relatório de análise crítica elaborado por Alves (2010) propõe a articulação de sugestões temáticas apreendidas da narrativa fílmica com percepções teóricas relevantes. Neste modelo de análise crítica do filme, fica claro o desenvolvimento da teoria social por meio do diálogo crítico com o filme. Na verdade, o analista não “aplica” meramente a teoria crítica à estrutura narrativa do filme, mas, pelo contrário, na medida em que elabora a análise crítica do filme surgem importantes *insights* teóricos que são verdadeiras contribuições à ciência social crítica. Nesse caso, temos o pleno exercício da imaginação sociológica.

O autor prossegue dizendo que se pode também articular a interpretação crítica com contribuições de autores de renome das ciências sociais. Torna-se importante o pleno desenvolvimento teórico-analítico do eixo temático essencial e subtemas vinculados a ele, além da análise minuciosa de cenas significativas e personagens típicos. O uso do livro que inspirou o filme ou análise do roteiro do filme é sempre importante também para

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

demonstrar o veio fértil de abordagem omnilateral do filme. Será observado também, o uso criativo de imagens do filme para ilustrar o relatório de análise crítica do filme.

Nesse sentido, a pesquisa se justifica pela proposta de utilização do cinema como experiência crítica considerando o filme como uma totalidade concreta aberta, capaz de “sugerir” um complexo de temas significativos e eixo temático para uma discussão sobre problemas cruciais da sociabilidade do capital que podem ser apreendidos, de formas crítica, pelo espectador-pesquisador. A apropriação crítica (e compreensiva) do cinema permite por um lado, a apreensão da forma e do sentido das obras filmicas em questão e por outro, contribui para o desenvolvimento do complexo teórico-categorial utilizado pelo sujeito-receptor habilitado. O que significa que a análise crítica de filmes pode contribuir com o desenvolvimento das ciências sociais e do cinema para uma percepção além da tela, pois, na visão ontológica de Lukács (1981), a arte é uma atividade que parte da vida cotidiana para, em seguida, a ela retornar, o que produz, nesse movimento dialético, uma *elevação* na consciência sensível dos homens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovanni. **Cinema e Trabalho – O mundo do trabalho através do cinema**. Londrina: Editora Praxis, 2006.

\_\_\_\_\_. **O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo: Editora Boitempo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tela Crítica – A Metodologia**. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2010.

\_\_\_\_\_. **Trabalho e Mundialização do Capital – A Nova Degradação do Trabalho na Era da Globalização**. Londrina: Editora Praxis, 1999.

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

\_\_\_\_\_. **Trabalho e Subjetividade – Ensaios sobre o metabolismo social da reestruturação produtiva do capital.** Tese de livre-docência (Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”), 2007.

\_\_\_\_\_. **Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório – o novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha.** Disponível em: <[http://www.giovannialves.org/Artigo\\_GIOVANNI%20ALVES\\_2010.pdf](http://www.giovannialves.org/Artigo_GIOVANNI%20ALVES_2010.pdf)>. Acesso em 27 Out 2010.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus Ao Trabalho? – Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho.** São Paulo: Editora Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** 11ª Ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Psicologia e Trabalho – apropriações e significados.** São Paulo: Cengage Learning, 2009.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 8ª Ed., 1986.

BOLTANSKI, Luc, & CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo.** Tradução Ivone C. Benedetti; revisão técnica Brasília Sallum Jr. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista.** Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

CHANLAT, Jean-François. **Ciências sociais e management.** São Paulo: Atlas, 2000.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.** São Paulo: Cortez-Oboré, 1991.

EISENSTEIN, Serguei. **A forma do filme.** São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2002.

ESPIÑAL, Luis. **O cinema e seu processo psicológico.** São Paulo: LIC Editores, 1976.

FREUD, Sigmund. “O Mal-Estar na Civilização”, Volume XXI. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

# Estudos do Trabalho

Ano III – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. São Paulo: Ed. Idéias e Letras, 2007.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna - Uma Pesquisa Sobre as Origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Editora Loyola, 1992.

LUKÁCS, Georg. **Ontologia Dell'essere Sociale**, Roma: Editori Riuniti, 1981.

MARINHO, Thais Alves. **O Grande Deserto de Homens**. In: Sociedade e Cultura, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 401 a 403.

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política**, Livro 1, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1988.

MATTÉI, Jean-François. **A Barbárie Interior: Ensaio sobre o i-mundo moderno**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

MESZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

PEREIRA, O. D. **O filme como objeto de estudo das ciências sociais**. Tela Crítica: Revista de Sociologia e Cinema. Ano 06, nº 6, Dezembro, 2009.

PUZIOL, J.K.P. & ALVES, G.A.P. **As metamorfoses do mundo social do trabalho e a educação profissional - elementos para uma crítica da ideologia da educação profissional disseminada pela Unesco no Brasil**. *Revista Estudos do Trabalho*, Ano III, Número 6, Marília, UNESP. Disponível em: < <http://www.estudosdotrabalho.org/7RevistaRET6.pdf>>. Acesso em 14 Out 2010.

SANDRONI, P. **Dicionário de Economia**. São Paulo: Abril Cultura, 2000.

SENNET, Richard. **A Corrosão do Caráter**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

ZANELLI, José Carlos, & SILVA, Narbal. **Interação Humana e Gestão: a construção psicossocial das organizações de trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.